

**PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLÓGICA: ELABORAÇÃO E
APLICAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL A
UNIVERSITÁRIOS MOÇAMBICANOS**

Claudia Bergamini*

(Universidade de São Paulo - aluna)

RESUMO

Este artigo apresenta um Questionário Semântico-Lexical (QSL), desenvolvido a partir do método Geolinguístico e dos conceitos da Sociolinguística Variacionista, para aplicação em Maputo/Moçambique, com a finalidade realizar um retrato sincrônico do português falado pelos universitários locais, sob o viés léxico. A língua portuguesa, adotada como oficial no País em 1975, está em constante situação de contato com as línguas locais e com outros idiomas, carregando em si marcas desta mescla linguística. Em Maputo, as influências das línguas locais no português provêm, majoritariamente, do Xirhonga e do Xichangana. O público-alvo para aplicação do inquérito é constituído de trinta universitários, divididos igualmente em homens e mulheres, de faixas etárias que variaram entre 18 a 68 anos, por terem escolarização mínima de dez anos, e por isso terem maior contato com o sistema normativo da língua portuguesa. O ponto de partida para a elaboração do QSL foi a observação da sociedade moçambicana *in loco*, e o aparato cultural e histórico da sociedade maputense foi delimitado pelas considerações de Gonçalves (1995) e Firmino (2006) em investigações linguísticas e estudos de campo por eles realizados, constituindo assim ferramentas para delimitar os campos semânticos. O método geolinguístico possibilita a sistematização dos dados para fins comparativos, e a Sociolinguística Variacionista permite a investigação das frequências de uso de acordo com as variáveis. A aplicação do QSL resultou em uma amostra de mais de 4.500 ocorrências com XXX lexias, dentre as quais XXX são de origens bantu e XXX provêm da língua portuguesa.

Palavras-chave: Moçambique. Sociolinguística. QSL.

* Bacharel e Licenciada em Língua Portuguesa e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo (USP). É mestranda em Filologia e Língua Portuguesa na mesma Universidade. Título da dissertação: Aspectos semântico-lexicais do português falado em Moçambique.
Email: claudia.bergamini1@gmail.com

Introdução

Pesquisar a Língua Portuguesa¹ em Maputo, seja para traçar um panorama geral ou para estudar fenômenos linguísticos específicos, requer conhecer sua história: os fatores de natureza social, política e cultural intrínsecos ao cenário plurilingue que apresenta.

A capital de Moçambique concentra a maior parte dos falantes de Língua Portuguesa, composta pela elite escolarizada – elite política (governantes), econômica (comerciantes) e cultural (intelectual) – que teve acesso ao ensino formal após a adoção da LP como idioma oficial em 1975. Por isso o local é escolhido como foco da pesquisa abordada neste artigo.

Para proceder a uma coleta de dados que pudesse evidenciar esses traços históricos, bem como a mescla linguística presente no local, foi desenvolvido um Questionário Semântico-Lexical² sob o modelo da Geolinguística, a partir de um inquérito onomasiológico³, cujo foco é realizar um retrato sincrônico do léxico dos universitários moçambicanos.

As bases do modelo Geolinguístico foram pesquisadas em Brandão (1991) e no questionário do ALiB⁴, e associados aos conceitos da Sociolinguística Variacionista adquiridos em Tarallo (2004), resultando em uma Ficha do Sujeito e no QSL. Esses instrumentos possibilitam a sistematização dos dados coletados, para estabelecer comparações entre as ocorrências obtidas, de maneira a permitir futuras análises de frequência dessas lexias em relação às variáveis sociolinguísticas consideradas, sejam elas gênero, idade, grau de escolaridade ou outras constantes na Ficha do Sujeito.

Um dos pontos essenciais para a elaboração do QSL foi a observação linguística da sociedade maputense *in loco*, que se deu de julho a dezembro de 2009, permitindo assim a vivência cultural e linguística junto ao público-alvo estudado. Estudos linguísticos sincrônicos como os de Gonçalves (1996) – sobre a formação da variedade moçambicana do português – e de Firmino (2006) – tese de doutoramento que apresenta ampla discussão sobre a formação linguística em Moçambique sob aspectos históricos, culturais e sociais – serviram também como ponto de partida para entender as particularidades da formação da LP em Maputo, sob o viés léxico.

A escolha das questões constantes do questionário foi realizada a partir da delimitação de campos semânticos, definidos por seu grau de possibilidades de aparecimento de lexias de base bantu e de base portuguesa. Os estudos de Gonçalves e Firmino, acima citados, foram determinantes para tal delimitação.

Os universitários foram escolhidos como sujeitos do inquérito por constituírem um público com, no mínimo, onze anos de escolarização, fator essencial para a caracterização da língua portuguesa no país, já que a escola é o principal meio de aprendizado deste idioma.

O QSL é composto por 150 questões, divididas em 13 campos semânticos. Sua aplicação com os trinta universitários maputenses resultou em mais de 4.500 ocorrências que permitem, juntamente com as investigações constantes da Ficha do Sujeito, a realização de estudos linguísticos para caracterizar a LP falada pelo público alvo.

1. A LP em Maputo

A escolha de Maputo como localidade para aplicação do QSL se justifica pelo processo de formação da LP em Moçambique.

Gonçalves (1996, p.29) conta que desde o período colonial a escola é o principal meio de transmissão do conhecimento de LP, mas era destinada apenas à elite colonial branca e aos assimilados⁵, que teriam acesso aos cargos públicos locais, sobretudo em Maputo. As instituições de ensino eram, em sua maioria, em seminários e escolas jesuíticas, o que restringia o vocabulário, já que o propósito era apenas estabelecer um mínimo contato entre colonos e escravos.

A autora afirma que após a independência, em 1975, a LP tornou-se o idioma oficial do País, sendo de utilização obrigatória em todas as escolas, órgãos governamentais e veículos de comunicação oficial e o uso das línguas bantu foi proibido. Acreditava-se que a LP serviria como língua unificadora, já que no país existem mais de 20 línguas locais. Sua institucionalização como língua de unidade nacional, em um país recém-independente, foi fator determinante para os moçambicanos buscarem seu aprendizado e, assim, aumentou o número de escolas no País.

Firmino (2006, p.77) explica que os movimentos migratórios pós independência contribuíram para a configuração atual de Maputo: colonos foram expulsos do país por meio de leis, abrindo espaço na cidade para a população local; e a guerra civil que se instaurou no país nesse período, que teve dezessete anos de duração, fomentou o movimento de moçambicanos de outras províncias do país para chamada “cidade de cimento”.

Por ser a capital econômica e social do país, Maputo sempre concentrou o maior número de escolas, sendo, portanto, o local onde se encontra a parte majoritária dos

falantes de LP do país até hoje. Nas províncias, o número de instituições de ensino ainda é muito reduzido, o que impossibilita o acesso de muitos moçambicanos à LP. Segundo dados do último censo, em 2007⁶, apenas 38% do país é falante de LP, sendo que 20% destes estão concentrados na Cidade de Maputo. Mas isso não quer dizer que todos os residentes de Maputo sejam escolarizados, pois a instituição é ainda frequentada prioritariamente pelas elites, o que aumenta o caráter de prestígio ligado ao domínio completo do sistema da LP.

Outro ponto de destaque é que a LP é aprendida, pela maioria dos falantes, como segunda língua. Não existem dados oficiais consistentes sobre a parcela da população falante de LP como língua materna.

Findada a fase de nacionalismo exacerbado e da guerra civil, a adoção da LP como única língua aceita na comunicação oficial passa a ser menos fiscalizada. Segundo Firmino (2006, p.80), o Xirhonga e o Xichangana passaram a ser usados em ambientes de trabalho, sobretudo na comunicação entre funcionários superiores e operários. No que tange ao convívio familiar, no entanto, muitos moçambicanos optaram por excluir as línguas locais, a fim de garantir que futuras gerações se tornassem nativas em português e pudessem dominar este idioma com mais propriedade, para alcançar “um melhor posicionamento social”.

Firmino (2006, p.74) também aponta para o fato de, no país, haver um grande número de estrangeiros que trabalham em ONGs e outras organizações internacionais, e estes profissionais estão alocados, em sua maioria, em Maputo, contribuindo para a multiplicidade linguística em toda a província, que abriga tanto os falantes nativos de língua portuguesa quanto os de línguas bantu, em situações de contato entre si e com línguas estrangeiras como inglês, francês, alemão, entre outras. Muitos maputenses almejam a ocupação de cargos nesses órgãos públicos e ONGs, que detêm os melhores salários. E o alcance deste objetivo só se dá a partir do conhecimento pleno da LP e de outros idiomas, fato que aumenta o prestígio social desta.

Esse contexto linguístico plurilingue de Maputo em situação de constante contato resulta em implicações que merecem, sem dúvida, considerações e reflexões muito mais amplas⁷, porém, o foco deste artigo será mantido no retrato da LP falada por universitários moçambicanos e nas possibilidades de reflexões que a aplicação do QSL pode fomentar em relação a este contato existente entre as línguas bantu de Maputo e a LP.

2. Público alvo: Universitários

A população escolarizada a única capaz de decodificar com precisão o sistema de regras da LP, adquirida como segunda língua para muitas crianças, que carregaram marcas da língua materna no uso e na abstração do novo sistema. O mesmo ocorre para muitos adultos, que se viram coagidos a aprender um novo sistema linguístico - totalmente desconhecido e diferente de sua língua de costume - como meio de ascensão social.

O público-alvo escolhido para aplicação do QSL são os universitários – entendidos como falantes que estão frequentando ou já concluíram o nível superior – pois apresentam, no mínimo, onze anos de escolarização e, portanto, de contato com o sistema normativo da LP.

Além da questão da escolarização, os sujeitos pesquisados são nascidos na província de Maputo, ou residentes no local pelo período mínimo de dois anos, pois o tempo de contato com a vida urbana é um fator que influencia a escolha das lexis por ele utilizadas. A amostra contou com trinta entrevistados.

Tabela 1: Distribuição da idade dos entrevistados por gênero.

Faixa etária definida	17 a 29 anos		30 a 44 anos		45 anos ou mais	
	masculino	feminino	masculino	feminino	masculino	feminino
Idade dos entrevistados	19	18	30	30	51	47
	20	24	32	31	56	48
	20	25	38	31	59	48
	25	25	39	40	65	48
	27	27	42	42	68	57

3. A Ficha do Sujeito

A ficha do sujeito foi elaborada para contemplar as informações pessoais do falante, de maneira a englobar as principais variáveis que podem identificar diferenças em seu léxico, levando em consideração a situação de plurilinguismo que Maputo apresenta.

No caso de Maputo, especificamente, as variáveis consideradas foram: escolaridade dos falantes, local de nascimento, idade, gênero, aprendizado de língua bantu, local de nascimento dos pais e línguas bantu por eles faladas, situações de interação com a língua bantu e com a LP, aprendizado de outros idiomas, profissão, exposição aos meios de comunicação, situação econômica, diversão e religião.

4. Questionário Semântico-Lexical

O QSL foi elaborado a partir de campos semânticos⁸, cujo objetivo é ativar no sujeito zonas de significação, de maneira que a resposta fornecida seja uma das possíveis variantes – seja bantu ou português – para esse domínio de significação. A participação na vida social moçambicana foi essencial para identificar algumas variantes de determinadas lexias, e seu contexto de uso, fator este primordial para a definição dos campos semânticos.

Optou-se pelo modelo onomasiológico fornecido pelo método Geolinguístico, pois ele permite sistematização das lexias⁹ de maneira que possam ser comparadas entre si em relação às variáveis sociolinguísticas após o final da coleta de dados. A definição das acepções foi conseguida, *in loco*, a partir de conversas informais com linguistas moçambicanos¹⁰ e a partir de dicionários como os de Dias (2002) e Lopes (2002), que se preocuparam em retratar o léxico de Moçambique.

O QSL final contou com cento e cinquenta questões divididas em treze campos semânticos. Cada questão está acompanhada de uma lexia prototípica¹¹, apenas para que o entrevistador pudesse ter um parâmetro de resposta.

Tabela 2: Exemplos de questões onomasiológicas constantes do QSL

Campo Semântico	Questão	Lexia Prototípica
Vida Rural	Como se chama o local onde as pessoas plantam as frutas e as verduras?	Horta/ Pomar
Fenômenos Atmosféricos/ Temporais	Como se chama uma fumaça que acontece à noite, principalmente nas estações frias, que cobre tudo?	Nevoeiro
Denominações Hortifruiti	Como se chama a fruta de casca verde e muito dura, que se come o miolo de cor castanho-claro onde ficam também as sementes, que são grandes?	Massala
Ciclos da vida e do corpo	Como se chama quando a pessoa tem um forte cheiro debaixo do braço	Sovaqueira
Convívio/ Comportamento social	Quando alguém lhe faz um favor, você agradece dizendo...	Obrigado

Costumes/ Religião/ Crenças	Como se chamam as preces e cerimônias feitas em honra de familiares defuntos ?	Missas
Jogos e Diversões	Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?	Cambalhota
Habitação/ Objetos da casa	Como se chama o lugar onde se coloca as roupas para secar?	Estendal
Alimentação/ Cozinha	Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?	Pequeno almoço
Vestuário/ Acessórios	Como se chamam as roupas usadas que se compra?	Roupas usadas
Vida urbana	Como se chama a abertura construída na calçada, por onde entra a água das chuvas?	Drenos
Objetos	Como se chama o carrinho puxado à mão, geralmente de duas rodas, usado como meio de transporte alternativo de carga a baixo custo?	Carrinho de mão
Relações comerciais/ Economia	Como se chama o comércio informal, onde se vendem mercadorias sem licença da polícia, e que os comerciantes têm que correr dos policiais?	Comércio informal

Considerações finais

Moçambique apresenta um cenário de plurilinguismo que deve ser cuidadosamente levado em consideração quando se pretende realizar estudos linguísticos no país. Fatores históricos, sociais e culturais também devem ser atentados para que esses estudos sejam representativos da realidade local.

O presente artigo procurou mostrar um modelo de método aplicável exclusivamente em Maputo, capital de Moçambique, cuja finalidade é retratar a LP falada por universitários, sob o viés léxico, para levar em consideração essas particularidades de constituição da língua no país.

O desenvolvimento de um QSL de modelo onomasiológico, aliado a uma Ficha de caracterização dos sujeitos entrevistados, permitiu aliar os conceitos da Geolinguística e da

Sociolinguística Variacionista, de modo a compor um *corpus* sincrônico ocorrências que se apresentam tanto em lexias bantu quanto em português e que pode ser utilizado para análise de variados fenômenos linguísticos.

O modelo onomasiológico permite sistematizar os dados, de modo que as respostas dadas constituem-se em padrões comparativos. Quando as ocorrências são analisadas em relação às variáveis sociolinguísticas como gênero, idade e escolarização, podem mostrar frequências de uso características para cada uma dessas variáveis, compondo assim o cenário sociolinguístico dos falantes universitários.

Não obstante, o *corpus* constituído a partir da aplicação do método proposto neste artigo pode ser utilizado futuramente como um parâmetro diacrônico de comparação, a fim de se verificarem a manutenção/ exclusão de lexias da LP falada pelo público-alvo.

O método apresentado permite, ainda, aplicabilidade em outros países de LP que tenham características históricas e sociais parecidas com Moçambique, como é o caso dos PALOPs. Com algumas adaptações nas questões, é possível verificar os graus de diferenças na LP faladas pelo mesmo público alvo nesses países.

SOCIOLINGUISTICS AND DIALECTOLOGY RESEARCH: DEVELOPMENT AND APPLICATION OF A QUESTIONNAIRE LEXICAL SEMANTICS WITH UNIVERSITY MOZAMBICAN.

ABSTRACT

This article presents a Lexical-Semantic Questionnaire (QSL), developed from the Geolinguistics method and concepts of variationist sociolinguistics for application in Maputo / Mozambique, in order to carry out a synchronic picture of spoken Portuguese by local university students, under the lexical bias. The Portuguese language, adopted as official in the country in 1975, is in constant contact situation with local languages and other languages, bearing in itself marks of this linguistic mix. In Maputo the influences of local languages in Portuguese comes, mostly, of the Xirhonga and Xichangana. The target audience for the survey consists of thirty students, equally divided under men and women, ages ranging from 18 to 68 years, with minimum studies enrollment of ten years, and, therefore, with more contact with Portuguese

language normative system. The observation of Mozambican society in situ was defined as start point for establishing the QSL and the historical and cultural apparatus of Maputo society was limited by considerations and linguistic research studies performed on field by Gonçalves (1995) and Firmino (2006), what provided then tools to define the semantic fields. The Geolinguistics method allows data systematization for comparative purposes, and variationist sociolinguistics allows frequency investigation of use, according to the variables. The application of QSL has resulted in a sample of more than 4.500 occurrences.

Keywords: Mozambique. Sociolinguistics. QSL.

Notas explicativas

¹ Doravante mencionada pela sigla LP.

² Doravante mencionado pela sigla QSL.

³ Segundo BERTOLDI (1935) *apud* BABINI (2006, p. 38). “Por onomasiologia entende-se um aspecto particular da pesquisa linguística que, partindo de uma determinada idéia, examina as várias maneiras com as quais essa idéia encontrou expressão na palavra.”

⁴ ALiB – Atlas Linguístico Brasileiro. Disponível em: www.alib.ufba.br

⁵ Segundo Sumich (2008, p.07), “durante o período colonial, os *assimilados* constituíam uma categoria privilegiada – a elite africana. Para se obter o estatuto de assimilado era necessário jurar lealdade ao Estado colonial, falar apenas português nas suas casas, adoptar hábitos europeus, abandonar crenças “bárbaras” e obter um atestado de um funcionário português que garantisse a sua probidade. Quem cumprisse estes requisitos recebia, teoricamente, os mesmos direitos legais que os portugueses. Embora assim não fosse na prática, os *assimilados* obtinham de facto uma ampla variedade de privilégios, como a isenção de trabalhos forçados, o acesso facilitado à residência urbana, à educação e ao emprego, e um pequeno conjunto de direitos civis, passando a estar sob a alçada da lei civil, ao contrário dos indígenas (...)”

⁶ Dados do censo de 2007 obtidos em www.ine.gov.mz

⁷ Conceitos e discussões básicas sobre línguas em contato, consultar: TARALLO, F. & ALCKMIN, T. *Falares Crioulos: Línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.

⁸ Pottier et al (1975, p. 42) explica que “um morfema lexical pertence a um inventário aberto e muito extenso. Em língua, esse morfema acha-se ligado a um número elevado de zonas semânticas possíveis. No ato de comunicação somente algumas zonas são atualizadas, e então o morfema funciona num domínio específico”. De acordo com essas afirmações, pode-se entender campos semânticos como sendo as zonas de significação a

que pertencem as lexias investigadas, transferindo para o termo *lexia* os mesmos conceitos empregados por Pottier ao morfema lexical.

⁹ A adoção do termo *lexia*, frequentemente empregado, tem sua justificativa nas explicações de Pottier et al (op. cit., pp. 10 e 26) que o diferencia do vocábulo e define: “Vocábulo é a unidade construída: mínimo combinatório imposto pela tipologia da língua. A *lexia* é a unidade lexical memorizada (...). O locutor, quando diz: ‘quebrar o galho’, ‘bater as botas’ (...) não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de sua ‘memória lexical’. Assim, ‘pé de cabra’ pode ser uma *lexia*, no sentido de ferramenta, ou o resultado de uma construção sintática de discurso, se se tratar do pé do animal.”

¹⁰ Agradecimentos à UEM – Universidade Eduardo Mondlane e à Professora Perpétua Gonçalves, pela gentil cessão de material e tempo para conversas acadêmicas.

¹¹ Por *lexia* prototípica entende-se uma das possibilidades de resposta que o falante pode fornecer para a questão realizada. Esta resposta é prototípica porque está representada em português, mas cada falante pode apresentar uma variante, seja em língua bantu ou em outro idioma.

Referências Bibliográficas

- BABINI, Maurizio. **Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos**. In: Revista Ciência e Cultura [online]. 2006, v. 58, n. 2, pp. 38-41. ISSN 0009-6725. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a15v58n2.pdf>
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo/SP: Ática, 1991.
- DIAS, Hildizina N. **Minidicionário de Moçambicanismos**. Maputo: Furtado & Godinha Lda, 2002.
- FIRMINO, Gregório. **A questão linguística na África pós colonial: O caso do português e das línguas autóctones em Moçambique**. 1ª ed. Maputo/MZ: Texto editores, 2006.
- GONÇALVES, Perpétua. **Português de Moçambique – uma variedade em formação**. Maputo: Livraria Universitária Universidade Eduardo Mondlane, 1996.
- LOPES, Armando J.; SITO, Salvador J.; NHAMUENDE, Paulino J. **Moçambicanismos – para um léxico de usos do português moçambicano**. Maputo: Livraria Universitária Universidade Eduardo Mondlane, 2002.
- POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar T. **Estruturas linguísticas do português**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- SUMICH, Jason. **Construir uma nação: ideologias de modernidade da elite moçambicana**. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n187/n187a06.pdf>
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-lingüística**. São Paulo: Ática, 2004.